

RESENHA DE *GENDER APPROACHES IN THE TRANSLATION CLASSROOM* — *TRAINING THE DOERS*

REVIEW OF *GENDER APPROACHES IN THE TRANSLATION CLASSROOM* — *TRAINING THE DOERS*



Beatriz Regina Guimarães BARBOZA
Doutoranda
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5227888337267200>
<https://orcid.org/0000-0002-8045-4912>
beatriz.r.guimaraes@gmail.com

Resumo: A resenha que apresento se dedica a um olhar crítico sobre o livro *Gender Approaches in the Translation Classroom — Training the Doers* (2019), editado por Marcella de Marco e Piero Toto, que contribui muito para a intersecção entre os Estudos da Tradução com os Estudos de Gênero, Feministas e *queer* voltada à sala de aula como foco. Como existe uma imensa lacuna sobre questões relacionadas aos feminismos e à teoria *queer* na formação tradutória, este volume responde à urgência por um diálogo mais amplo nos Estudos da Tradução, concebendo outras formas de conjugar ao ensino da tradução esses temas para que colaborações possam surgir de forma eficaz em cada contexto. Cada uma das pessoas envolvidas na escrita dos capítulos reconhece que não existe prática tradutória que não esteja ideologicamente situada, portanto, trazem suas próprias formas de entrelaçar uma teoria politicamente engajada com o ensino de tradução. Por um lado, essa atitude alimenta um desejo de incentivar práticas mais socialmente justas, por outro, reconhece as limitações dos modelos curriculares em associação com as demandas de mercado que atendem aos padrões hegemônicos. Um dos pontos de destaque é como a sala de aula pode ser um espaço de provocação à reflexão crítica coletiva ao que se entende por gênero e sexualidade, de forma que, ainda que se encontrem obstáculos na concretização de práticas resistentes na tradução, a sensibilização para os temas feministas e/ou *queer* pode deixar um impacto às consciências individuais. Essa marca, por sua vez, pode afetar formas de agir e viver no campo profissional da tradução e na própria esfera pessoal, orientada por uma ética de responsabilização. Logo, este livro apresenta diversas maneiras, em diferentes contextos, ainda que eurocentrados, de nos convidar a refletir sobre como a formação de pessoas que traduzem sempre é ideologicamente afetada e cabe-nos decidir como orientar essa postura como mudança social.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Estudos Feministas da Tradução. *Queer* na Tradução. Formação de Quem Traduz.

Abstract: I present here a review dedicated to a critical view about the book *Gender Approaches in the Translation Classroom — Training the Doers* (2019), edited by Marcella de Marco and Piero Toto, that is a great contribution to the intersection among Translation Studies together with Gender, Feminist and queer Studies, aiming at the classroom as focus. As there is a huge gap about feminist and queer theory related issues in translation training, this volume addresses the urgency for wider dialogues in Translation Studies, conceiving other ways of joining these themes to translation, so that collaborations can emerge in an effective way for each context. Each of the persons involved in the chapters' writing acknowledges that there is not a translation practice that is not ideologically situated, therefore, they bring their own ways to intertwine a politically committed theory



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

with translation teaching. On one hand, this attitude nurtures a desire to foster practices more engaged with social justice, on the other, they recognize the limitations of curricula models associated with market demands that attend to hegemonic standards. One of the main questions is how the classroom can be a space to provoke collective critical reflection about what is understood by gender and sexuality, so that, even though one might find trouble in making resistant practices of translation possible, the sensitization to feminist and/or queer themes can leave an impact into each individual conscience. This trace, on its turn, can affect ways of act and live, in the professional field of translation and in the personal sphere itself, guided by an ethics of accountability. Therefore, this book shows several ways, in different contexts, even though Eurocentric, of inviting us to reflect upon how the translation training of people is always ideologically affected and it is up to us decide how to guide this stance as social change.

Keywords: Translation Studies. Feminist Translation Studies. Queer in Translation. Translation Training.

2 **O** livro *Gender Approaches in the Translation Classroom — Training the Doers* (2019), organizado por Marcella De Marco e Piero Toto, assenta-se nos Estudos da Tradução (ET) e estende seus braços para os Estudos de Gênero, Feministas e *queer*, buscando imaginar outros jeitos de formar tradutoRsⁱ. Maneiras que não considerem somente habilidades e habilitações, mas também a capacidade de reflexão ética sobre o caráter incontornavelmente ideológico da profissão. Por sua proposta em si, o livro já é muito bem-vindo e ocupa um espaço em meio a uma grande lacuna do campo: mostra como as teorias e práticas dos Estudos Feministas de Tradução (EFTⁱⁱ), em superfície de contato ou não com as teorias *queer*, podem de fato ser compartilhadas e auxiliar na formação de tradutoRs; e, ao realizar práticas em sala de aula com base nesses estudos, é possível que mais interessades agreguem pesquisas aos EFT que contribuam para sua autocrítica e desenvolvimento — o que, ciclicamente, pode influenciar no seu ensino. Outro aspecto, não tão visível de pronto a quem parte dos ET como referencial — e igualmente relevante quanto —, é tomado como fundamental por inúmeros capítulos do volume: de que forma a sala de aula de tradução, ao adquirir uma perspectiva crítica de um entendimento sobre gênero e/ou *queer*, pode se transformar em um espaço de conscientização social sobre as problemáticas tocadas por esse olhar. Ainda que muitas pessoas se sensibilizem com o tema, posicionando-se contra a violência contra mulheres ou contra qualquer forma de discriminação social, por exemplo, muitas não possuem uma formação que estruture uma consciência crítica sobre o sistema capitalista cis-heterossexista, branco e especista, do qual essas violências são efeitos. Este livro não se dedica a diversos aspectos dessa lógica (como raça, classe e espécie), o que é uma de suas limitações, considerando a urgência da articulação interseccional presente em meio aos próprios feminismos, mas ao menos chama atenção para a necessidade de uma crítica que desestabilize toda ideia de “normalidade”, construção que reflete e reforça as assimetrias de

poder que alicerçam esse sistema. Além disso, é um livro bastante eurocentrado, logo, para que seja considerado em diálogo com contextos outros, é preciso que seja traduzido também em termos culturais e que receba as devidas análises críticas.

Derivado das perspectivas da “virada cultural” que também afetou os ET há algumas décadas, um dos pontos destacados peLs editoRs e autoRs dos capítulos é que a tradução, sendo um espaço e prática de mediação entre culturas, não só envolve esse debate sobre relações de poder, mas também pode e deve intervir nele. Portanto, a sala de aula de tradução é um lugar potente para promover essa consciência e atitude: os capítulos do livro discorrem a partir dessa perspectiva, ainda que limitada por contextos específicos do “Norte global”ⁱⁱⁱ, especificamente do oeste europeu. A formação tradutória, como bem destacam Marcella e Piero^{iv} na introdução da obra, é um dos ramos de investigação dos ET há algumas décadas, ora pensando nas competências da tradução, ora nas de tradutoRs. Porém, em ambas vertentes, há uma imensa lacuna de debates de gênero^v. Em meio a um panorama de luta global contra a desigualdade de gênero — como incentivada pela Comunidade das Nações e a Organização Internacional do Trabalho, além de governos, organizações não governamentais e movimentos sociais —, os ET admitem o papel social de mudança que a tradução e sua reflexão teórica podem propiciar nesse sentido. Porém, Marcella e Piero tocam em uma ferida: a dificuldade dos EFT e dos Estudos de Gênero de afetarem o campo da formação profissional de tradutoRs, uma vez que suas articulações, quando postas em situações reais, por agentes reais, enfrentam situações de recepção controversa. O livro coloca-se, então, em defesa, manutenção e desejo de ampliação de pedagogias feministas e/ou *queer* na formação de tradução.

Como Francesca Vigo argumenta no começo de seu capítulo situado no meio acadêmico italiano, “Turning Translation Training into Life Training”, as dificuldades na busca pela metodologia adequada aos temas dos Estudos de Tradução são um debate frequente. Com relação ao ponto levantado pela autora, observo que a interdisciplinaridade na gênese de nossa área de pesquisa é sentida como uma proliferadora de híbridas dissertações e teses: algumas se sustentam potentes, outras se desarticulam facilmente. Talvez, em busca de uma forma bem amarrada, é possível reconhecer no livro um determinado enredo: com base em experiência de sala de aula em que alguma prática de tradução foi levada a cabo, a perspectiva de gênero e/ou *queer* foi considerada, desde as próprias ideias pedagógicas a orientar a reflexão até os conteúdos abordados em sala, com uma sensibilidade atenta à composição das turmas e como isso afetaria/afetou as aulas.

Outros capítulos trazem introduções contextualizadas, nos quais nomes como Mona Baker, Luise von Flotow e bell hooks não são incomuns: a primeira marcando a concepção política ativista da tradução, a segunda fazendo índice das práticas feministas da tradução e a terceira como expoente de pedagogia feminista. Destaque importante se dá ao pensamento crítico de Paulo Freire, citado em três artigos, em uma pedagogia voltada para alunes, às formulações sobre *queer* a partir do trabalho de Judith Butler e à pedagogia feminista de Carolyn Shrewsbury. Inúmeras outras vozes circulam entre capítulos, estabelecendo uma conversa em que palavras/expressões como “mudança social”, “ética”, “responsabilidade”, “ativismo” e “impossível neutralidade” e suas variações aliam-se ao eixo tradução-ensino-gênero/*queer*. Como seria impossível abarcar a complexidade de cada entrelaçamento contextual elaborado ao longo dos capítulos, comentarei resumidamente os temas abordados, assim como seus pontos fortes e eventuais elos mais frágeis.

4 No já mencionado texto de Francesca Vigo, a autora propõe uma interessante combinação entre a Linguística Cognitiva (LG) e a Análise Crítica do Discurso (ACD) na identificação e categorização de palavras atravessadas por questões de gênero e sexualidade, o que auxilia na compreensão do que elas demandam para sua tradução. A forma como ela caracteriza a ética da mediação cultural presente na tradução se dá pelo conceito de *accountability*, ideia que se pode compreender como uma transparência de intenções no prestar de contas profissional de tradutoRs. Dentro de um contexto específico italiano de formação tradutória, Francesca conta alguns exemplos práticos em sala de aula resultantes de sua abordagem, que tomou como princípio a construção de um mapa cognitivo formado de palavras polêmicas no que tange gênero e sexualidade. Relacionando-as com itens lexicais que entram em determinados domínios semânticos, tornou-se possível analisar que estruturas ideológicas interferem na forma como são concebidas e traduzidas, tendo em vista os temas aqui focalizados. Como Francesca reconhece, esse trabalho de conscientização através da formação de tradutoRs é fundamental para uma construção coletiva de subjetividades atentas e ativas em uma representação não opressora de gênero e sexualidade entre culturas.

Em “Parameters, Thresholds and Liminal Spaces: Designing a Course on Sex, Gender and Translation”, Pauline Henry-Tierney conta sobre sua experiência de estágio desenvolvido para uma turma de bacharelado na Universidade de Newcastle, uma disciplina de tradução de literatura francesa escrita por mulheres a partir de 1968 pelo recorte de gênero e sexualidade. Seus parâmetros foram estabelecidos pelos desafios de lidar com a tradução de representações autoficcionalis transgressivas de mulheres, em especial de vivências sexuais, por conta da

potência dos “exemplos reais” sobre gênero e sexualidade (alinhando-se com os estudos de Jane Nolan e Sarah Oerton). Atenta às repercussões subjetivas de tal proposta, ela teve o cuidado de criar um espaço seguro: procurou saber quais serviços de auxílio existem para alunes, dentro e fora da universidade, assim como utilizou fóruns on-line para disponibilizar esses caminhos e informações várias. Um dos referenciais fundamentais em que ela se apoia é a de “conceitos fronteiriços” (minha tradução de *threshold concepts*) desenvolvido por Jan Meyer e Ray Land, que seria o ponto de articulação entre experiência de aprendizado e afetação pessoal: ele traz uma abordagem que é “transformativa” para a subjetividade de quem aprende, num grau reduzido ou até amplo; é “irreversível”, pois abre quem aprende para conhecimentos difíceis de esquecer, por conta de seu potencial “integrativo” de conectar-se com outros conceitos fronteiriços importantes para a formação da subjetividade humana. Para a autora, trabalhar com gênero e sexo em aulas de tradução é uma forma de trazer conceitos fronteiriços na prática para alunes, o que pode afetar sua formação profissional e pessoal com uma consciência de gênero, de sexualidade e identidade. Por fim, Pauline apoia-se na ideia de espaços liminares, que aqui são definidos pelas plataformas digitais que existem como um entre temporal e físico. Através delas, ela argumenta que é possível ampliar a repercussão das discussões em sala, criar um lugar de conforto por reduzir a exposição ao vivo, e também para oferecer o suporte necessário para que temas sensíveis possam ser abordados com mais segurança, estando ao alcance de qualquer alune com acesso à internet. Pauline conclui, pois, que apesar dos riscos e desconfortos que essa abordagem em sala possa trazer, ela também propicia uma oportunidade imensa de prática e conhecimento sobre si e sobre outros.

Em mais um capítulo cuja reflexão parte de um semestre em sala de aula, na Universidade Jaume I, na Espanha, Robert Martínez-Carrasco aborda a formação de tradutores a partir da tradução de material LGBTQ+ e linguagem não binária em “Social Action and Critical Consciousness in the Socialization of Translators-to-Be: a Classroom Experience”. Ele parte da premissa que os contextos de aprendizado possuem dinâmicas específicas, nas quais o conhecimento se constrói na interação da subjetividade de alunes com os conteúdos trabalhados e a coletividade envolvida em aula. Como atividade, Robert defende que se proponham projetos autênticos/reais com alunes — o que em partes nos lembra da proposta de Pauline Henry-Tierney no capítulo anterior —, pois isso permite que assumam responsabilidade total pelo trabalho e se exponham às situações, com sua complexidade e limites, que também enfrentarão enquanto profissionais na tradução. No caso da proposta de Robert, alunes se viram diante dos desafios de lidar com tradução de material LGBTQ+ e textos sobre pessoas não

binárias do inglês para o espanhol, o que tem como encruzilhada o gênero gramatical, ausente na primeira (exceto para pronomes e epícoros) e presente na segunda. Apesar da grande ênfase na linguagem não sexista, ele argumenta que a reflexão precisa ser mais profunda, pois a percepção dos elementos relativos às hierarquias de poder da cis-heteronormatividade machista vai para além do gênero gramatical. Um dos pontos de maior destaque para alunes foi como a presença de alguém da organização LGBTQ+ para fazer oficinas ajudou a sensibilizar muitos sobre os assuntos relacionados ao tema, além de prestar-se a tirar dúvidas que ajudou com que eLs entendessem as demandas da clientela. Porém, alunes reconheceram a dificuldade que seria transpor essa reflexão para sua prática profissional, uma vez que iniciantes possuem pouco poder de influência sobre as normas que orientam as diretrizes de trabalho.

6 O capítulo de Antonia Montés, “Teaching Gender Issues in Advertising Translation: The Case of University Marketing”, baseia-se no módulo que ela desenvolveu sobre questões de gênero na tradução de propaganda universitária, na Universidade de Alicante, visando a tradução de seus materiais ao alemão de forma inclusiva, contra o masculino como norma. Esse é o primeiro capítulo que parte dos Estudos Feministas de Tradução como referência teórica nomeadamente e desenvolve uma especialização pouco abordada na pesquisa acadêmica dos ET: o ensino de questões de gênero na tradução de materiais de propaganda de universidades europeias. Antonia escolhe trabalhar com esses textos porque, na Europa — ainda que ela não especifique esse contexto ao formular suas concepções sobre universidade, tomando-a dentro de um modelo neoliberal sem que isso seja questionado —, essas instituições são valorizadas caso promovam igualdade de gênero em suas ideias e práticas, formando sua própria marca: uma identidade própria, que representa seu prestígio para além de sua própria excelência de ensino e pesquisa. Ao trabalhar com esse tipo de tradução em sala de aula, Antonia parte de um referencial próximo de alunes, seu próprio meio universitário, que lhes permite refletir sobre temas maiores; promove um debate sobre consciência de gênero dentro do curso de tradução; assim como sobre as questões institucionais sobre gênero na própria universidade, pensando-as também em relação com as outras. Para tal, Antonia repassa conceitos fundamentais na tradução de propaganda, a transcrição, por exemplo, cujo foco na adaptação de conteúdos tem em vista o público a que se destina, nuançada através dos critérios específicos da propaganda universitária (em seus diferentes suportes físicos e tipo de texto). Então, ela propõe a contribuição dos EFT para desenvolver um ensino de tradução inclusiva sobre gênero, calcada em estratégias e técnicas que generalizem ou neutralizem palavras de gênero masculino, assim como tornem visíveis as mulheres quando houver especificação dos gêneros.

Antonia tem consciência que os materiais traduzidos muitas vezes não são completamente coerentes em suas propostas de inclusão e também compreende que as estratégias que partem do binarismo de gênero são limitantes diante de outras expressões para além dele. Portanto, ela incentiva uma agência resistente de tradutoRs em prol da causa feminista, ainda que o faça timidamente.

Em “Queer(y)ing (Im)possibilities in the British Academic Translation Classroom”, embora Michela Baldo também comece como Antonia, demarcando a contribuição dos EFT, há uma drástica diferença: além das questões de gênero, ela incorpora a teoria *queer* às suas reflexões e questiona o modelo neoliberal das universidades britânicas, sendo seu contexto específico o das universidades de Birmingham, de Leicester e de Hull. Michela reconhece o valor de marcar sua posicionalidade *queer* para o debate que propõe em sala de aula, que é entrelaçado a partir das contribuições da pedagogia feminista, *queer* e dos estudos sobre formação de tradutoRs, mas enxerga as limitações impostas pela lógica neoliberal presente nas universidades britânicas, apoiando-se nas análises de Jennifer Fraser e Sarah Lamb. Diante das limitações curriculares nas universidades em que trabalhou, ela buscou realizar a convergência entre pedagogias feministas *queer* e as de tradução para que houvesse não só uma mudança nos temas tratados em sala, mas na própria concepção de ensino, seguindo os estudos de Maria Accardi e novamente Carolyn Shrewsbury. Michela discute como as pedagogias feministas e *queer* possuem muito em comum, provocando uma consciência sobre as assimetrias de poder com relação a gênero, sexualidade, raça, classe e mais, ainda que as teorias *queer* tragam uma ênfase maior às críticas sobre ideias de normalidade (em vários âmbitos) e enxerguem a força desestabilizadora dos “problemas” como algo benéfico. É nesse sentido que ela também se apoia no trabalho social construtivista de Don Kiraly, para que esses desafios sejam abordados coletivamente e alunes assumam responsabilidade e controle de seu processo de aprendizado, em que professorRs e alunes atuem em dinâmica mútua de colaboração. Uma das grandes dificuldades, porém, foi lidar com as dinâmicas hierárquicas estabelecidas por universidades neoliberais, que refreiam tais propostas de colaboração entre professorRs e alunes. Para enfrentar esse desafio, ela se apoia no trabalho de bell hooks e Kaisa Koskinen, tentando ao menos minimizar os efeitos de tais hierarquias, através, por exemplo, da posicionalidade de quem ensina. Ao abrir-se com alunes sobre suas perspectivas, afirma que é possível encontrar espaço para enxergar melhor as forças e fraquezas deLs, criando uma relação mútua de colaboração que permita não só desenvolver as atividades como pensar a própria estrutura do curso. Ainda que o modelo neoliberal desconsidere pedagogias

queer/feministas e essas possam provocar desconforto com os questionamentos que geram em alunes sobre si próprias e a realidade ao redor, Michela argumenta em prol do potencial de transformação social advinda dessa desestabilização.

A diferença no capítulo de Irene Ranzato, por sua vez, se dá na forma: ao invés de desenvolver linhas de pensamento que entrelaçassem tradução, ensino e questões de gênero e/ou *queer*, ela desafia cinco exemplos de caso sobre esses temas em um módulo que ofereceu no curso de tradução (do inglês para o italiano) na Universidade Sapienza de Roma. Em “Gayspeak in the Translation Classroom”. No caso, ela parte da tradução audiovisual para avaliar a sensibilidade de alunes às questões de sexualidade, tanto ao expor cenas de séries e filmes — desconhecidos para a maioria dos alunes e sem introdução prévia — quanto ao perguntar, em questionários, a avaliação de alunes das dublagens e soluções alternativas que proporiam. Sua metodologia tem uma potência específica: começa pelo “choque” e depois convoca a um aprofundamento em questões de gênero e sexualidade levantadas pela prática, como na história de certas palavras, sua etimologia, nuances polissêmicas e usos em diferentes contextos. Ela reconhece, tal qual Michela Baldo, que pouco há sobre esse tema na tradução, exceto alguns estudos audiovisuais de Marcella de Marco, Montse Corrius e Eva Espasa, dos quais toma a valorização de materiais filmicos para ensino, mas com o cuidado de não reproduzir estereótipos (negativos) pela falta de abordagem crítica. No entanto, estranha-se que, embora fale sobre as questões de linguística *queer* e a tradução da *queeridade*, Irene chame os exemplos de caso de “gayspeak”, uma vez que se referem a personagens e/ou conversas sobre trans e lésbicas, além de gays. Com relação à recepção em sala de aula, ainda que alunes tivessem abertura para a questão, a proposta provocou surpresa e, diante dos exercícios, alunes mostraram pouca sensibilidade para questões que não fossem escancaradamente sobre tópicos sexuais e de gênero. Entre as hipóteses cogitadas por Irene, uma delas é a falta de consciência sobre o tema ou até desconforto sobre, além de apresentarem um foco excessivo em questões tradutórias que não tinham o social/cultural tanto em vista, mas mais linguísticas. Destaco que uma de suas maiores percepções é esta: que as competências e intuição para a tradução não necessariamente se relacionam de forma proporcional com uma consciência profunda sobre as implicações sociais do uso da linguagem.

Em “Indirect Sexism in John Grisham’s *Sycamore Row* (2013): Unveiling Sexual Inequality Through a Gender-Committed Pedagogy in the Translation Classroom” de José Santaemilia, ele considera sua prática em um semestre de Tradução Jurídica (inglês-espanhol/catalão), na Universidade de Valência. Como objeto provocador do exercício, ele

toma o romance *Sycamore Row*, de John Grisham, popular escritor de narrativas jurídicas, propícios ao tópico da disciplina e ao debate sobre gênero. Na teoria, José analisa de que forma o campo da tradução jurídica mudou nas últimas décadas, apoiando-se nos trabalhos de María Rosario Martín Ruano e Maria Carmen África Vidal Claramonte, que expõem os conflitos entre visões conservadoras e progressistas sobre a lei, e como a tradução jurídica, hoje, é e deveria ser mais comprometida ideologicamente com a complexidade do mundo. Diante do chamado giro “discursivo” ou “cultural” que afeta há algum tempo também os ET, José marca a tradução como uma atividade de negociação, intervenção, manipulação, que jamais será neutra e, na tradução jurídica, se torna um ato de mediação ideológica em que se ganha ou perde capital social (ou simbólico). Ao invés de precisão (e todos os termos correlatos de destaque nos ET), advoga por uma responsabilidade ética, por honestidade. Nessa esteira, José valoriza a contribuição das tradutoras feministas e pesquisas nesse âmbito, que visualizaram estratégias e também partem da visibilidade de quem traduz e a ética de suas escolhas. Depois de esboçar sua perspectiva teórica, José adentra no gênero literário escolhido, justificando que os suspenses jurídicos podem ser úteis para abordar a terminologia jurídica e a estrutura de seu sistema em sala de aula. Além disso, a popularidade desse tipo de romance é exemplar para analisar estereótipos de gênero, uma vez que costumam reproduzi-los, ainda que não mais o façam de forma gritante: a literatura contemporânea *mainstream* hoje pode apresentar mais formas “sutis” ou “indiretas” de machismo, conforme conceituadas por Janet Swim, Michelle Lazar e Sara Mills. De fato, no exemplo que José toma de *Sycamore Row*, alunes tiveram oportunidade de analisar um trecho visivelmente machista, mas que, por seu conteúdo curto e direto, foi problemático de lidar de forma propositiva. Ainda que alunes tenham reconhecido o problema e concordado que algo precisava ser feito diante de um texto preconceituoso, tiveram dificuldade em propor alternativas ao machismo indireto, o que, José supõe, demandaria mais tempo e experiência de quem traduz.

O capítulo de María Amor Barros Del Río e Elena Alcalde Peñalver, “Ideological Transfer in the Translation Activity: Power and Gender in Emma Donoghue’s *Kissing the Witch*”, parte da premissa básica do livro: que a interação entre os ET e os Estudos de Gênero é algo ainda pouco pesquisado, principalmente com sua confluência mirada para a sala de aula. Como professoras acadêmicas, elas sentiram a necessidade de trazer isso para sua prática, considerando, no caso, alunes de Língua e Literatura Espanhola na Universidade de Burgos. As autoras acreditam na potência do uso de literatura no ensino, uma vez que conteúdos linguísticos e culturais são veiculados em uma forma que afeta alunes. Além disso,

argumentam que os contos, por sua estrutura reconhecível, são adequados para trabalhar em sala de aula. No caso específico, Emma Donoghue, em *Kissing the Witch: Old Tales in New Skins* (1997), reconfigura as narrativas de contos de fada tradicionais no uso da linguagem, nas personagens em si e nos símbolos, aliando-se às propostas feministas de reescrita de narrativas tradicionais para apresentar visões alternativas às representações de mulheres. Para avaliar a sensibilidade sobre questões de gênero, as autoras passaram para alunes um pré-questionário como forma de avaliar suas posturas em relação aos papéis das mulheres na sociedade: o Attitude Toward Women Scale (AWS), desenvolvido por Janet Spence e Robert Helmreich nos anos 70. Como proposta metodológica em sala de aula, María e Elena formularam um programa de três etapas: a primeira é responsável por formar uma consciência para questões de gênero, a segunda, de tradução em si e uma terceira, de avaliação do processo. Na primeira, as autoras trouxeram textos, abordando desde questões de gênero mais básicas e gerais até materiais sobre literatura com enfoque em gênero e sobre a própria autora, seguida de debate. Essa introdução foi importante, pois ninguém na turma tinha formação em Estudos de Gênero ou conhecia previamente a obra de Emma Donoghue. Em seguida, passou-se à atividade de tradução dos contos em grupos, e, para reconhecer os tipos de problemas de tradução encontrados — mais objetivos, e não as dificuldades de tradução, subjetivas, conforme aponta Christiane Nord — e estratégias para lidar com eles, as autoras se apoiaram nos estudos de Amparo Hurtado Albir. Com relação aos problemas de tradução presentes nos usos da língua, símbolos e personagens, fez-se a divisão em quatro categorias: a dos problemas linguísticos, a dos extralinguísticos, a dos instrumentais e a dos pragmáticos. Neste momento, alunes tiveram que categorizar as questões encontradas nos textos de acordo com essas quatro, de forma a refletir sobre como resolvê-las, categorizando suas estratégias conforme a nomenclatura também de Amparo Hurtado Albir. Por fim, María e Elena prepararam e aplicaram um questionário qualitativo de autoavaliação para alunes, a fim de indagar sobre o impacto dos textos sobre gênero, sobre a autora e, a partir da experiência de tradução, esboçar quais opiniões formaram sobre seu próprio papel e, por extensão, de quem traduz. Essa metodologia em três etapas se mostrou bastante frutífera, pois os debates foram bem recebidos e auxiliaram alunes em sua prática. Além disso, a prática reflexiva através dos exercícios permitiu que se verificasse uma consciência crítica sobre gênero, sobre os materiais trabalhados e sobre a atividade de tradução em si.

Em “Integrating Gender Perspective in Interpreter Training: A Fundamental Requirement in Contexts of Gender Violence”, Carmen Toledano Buendía parte da Declaração

sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, elaborada pelas Nações Unidas em 1993, para argumentar em prol do treinamento específico nas questões de gênero para intérpretes que trabalham com mulheres imigrantes. Pois, apesar dos inúmeros contextos variados, a violência de gênero os atravessa globalmente. Devido a iniciativas como a estabelecida pelas Nações Unidas, alguns governos e instituições buscam promover auxílio às mulheres, desde prevenção, assistência, proteção e recuperação das vítimas. Porém, para que todos esses recursos sejam procurados e devidamente encaminhados, é preciso conhecer com precisão as histórias das mulheres que sofreram abuso, demandando que sejam ouvidas e entendidas. Aqui o papel de intérpretes se torna fundamental e torna a assistência linguística um elemento tão importante quanto os outros devido às barreiras linguísticas enfrentadas por mulheres imigrantes. Neste capítulo, Carmen analisa a atuação do projeto europeu Speak Out for Support, em particular seu trabalho na Espanha (o SOS-VICS), que se dedica à formação e especialização de intérpretes em contextos de violência de gênero, para abordar o assunto. Com base em dados coletados pelo projeto, Carmen mostra como as barreiras linguísticas são reconhecidas como uma questão central no auxílio, tanto por sobreviventes de violência de gênero quanto por intérpretes. Tendo em vista o trabalho de Vivian Huelgo, Saveen Kaushal, Purvi Shah & Catherine Shugrue dos Santos, ela enfatiza a necessidade fundamental de intérpretes terem consciência de seu papel ético e legal, que requer neutralidade de intervenção, confidencialidade e que não haja conflito de interesses que atrapalhem na imparcialidade. No entanto, Carmen matiza essa questão ao pontuar que, ainda que se demande essa postura, uma neutralidade técnica para que as informações sejam transmitidas, não é possível ser moralmente neutre, uma vez que é preciso adotar uma postura contra o sistema social que permite que existam vítimas dessa violência. Assim, a neutralidade técnica se associa a uma interpretação envolvida e uma exposição aos conflitos comunicativos, assumindo a agência de resolver as situações apresentadas com a capacidade de refletir sobre elas por uma perspectiva de gênero. Logo, quem interpreta não é um canal entre a sobrevivente e as agências estatais, mas uma outra voz com acesso privilegiado a certas partes do diálogo. Ela afirma que a formação não se destina a como quem interpreta deve se sentir, mas como aprender a instrumentalizar o que se sente em benefício da intervenção. Recorrendo à noção de contratransferência da psicologia pensada na tradução segundo Inmaculada Romero, Carmen destaca que intérpretes precisam ter cuidado com os extremos: a culpabilização da vítima, como mecanismo de defesa diante da dor apresentada por outrem, e a identificação excessiva. Carmen conclui, portanto, que a responsabilidade de intérpretes, conectada com essa percepção de si (por exemplo, na

contratransferência e na consciência de gênero que se possui), requer um comprometimento envolvido e especialização naquilo que se busca atender — o que, no caso de mulheres imigrantes, seria uma perspectiva de gênero.

O último capítulo, como um posfácio de quem edita o livro, traz as visões de Marcella de Marco e Piero Toto sobre “The Future of Academia, Gender and Queer Pedagogy: Concluding Remarks”. Considerando a proposta do volume, partem da noção compartilhada sobre a interdisciplinaridade, tanto nos Estudos de Gênero quanto nos Estudos da Tradução, para mostrar como sua articulação depende imensamente dos contextos em que cada proposta/pesquisa é feita. Ao receberem as contribuições formando os capítulos, perceberam que ainda há pouco reconhecimento da área, assim como há poucas abordagens com uma perspectiva de gênero/*queer* em sala de aula de tradução fora dos pares envolvendo inglês, italiano, francês e espanhol. Analisam esse dado como um desequilíbrio na difusão e acesso às práticas, pedagogias, formações e pesquisas de tradução favoráveis à visão *queer*, o que é influenciado também por diferentes meios institucionais, culturais e acadêmicos. Com seu livro, buscaram trazer propostas que pudessem levantar esse questionamento, que, em si, revira as pressuposições sociais sobre gênero e sexualidade, propondo formas engajadas de atuar na tradução. No entanto, Marcella e Piero expõem como formadoRs de tradutoRs enfrentam limitações de tempo e recursos disponíveis, e, ainda que instituições de ensino superior compactuem com propostas inclusivas sobre gênero, muito pouco é feito sobre. Portanto, a sala de aula, como meio de sensibilização e formação de quem traduz, afeta não só as traduções em si que podem vir de tais sujeitos, mas sua postura diante das instituições de que fazem parte e em suas próprias vidas. Para finalizar, Marcella e Piero desejam que mais propostas e pesquisas surjam em contextos, línguas e instituições outras que não foram abordadas no volume, incentivadas, talvez, por este livro — e tomara que sejam ouvidas.

12

REFERÊNCIAS

- Barboza, Beatriz Regina Guimarães; Matos, Nayale Araújo, & Santos, Sheila Cristina (2018). Estudos feministas de tradução: um recorte de pesquisas do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC). *Belas Infiéis*, 7(2), 43-61.
- Braun, Friederike. (1997). “Making men out of people. The MAN principle in translating genderless forms”. In H. Kotthoff & R. Wodak. *Communicating Gender in Context*. Benjamins.
- Butler, Judith (2017). “Regulações de gênero” (Ana Cecília Acioli Lima, Trad.). In I. Brandão; I. Cavalcanti; C. L. Costa & A. C. A. Lima (Orgs.). *Traduções da cultura. Perspectivas*

críticas feministas (1970-2010) (pp. 692-716). Editora Mulheres/EdUFAL. (Capítulo originalmente publicado em 2004 no livro *Undoing Gender*)

Castro, Olga (2010). “Traducción no sexista y/en el cambio social: el género como problema de traducción”. In J. Boérie & C. Maier (Org.). *Translating/Interpreting and Social Activism – Compromiso social y Traducción/Interpretación* [Bilingual edition]. St. Jerome Publishing & Ecos.

Marco, Marcella de; & Toto, Piero (Org.). (2019). *Gender Approaches in the Translation Classroom — Training the Doers*. Palgrave Macmillan.

ⁱ Como se trata de uma resenha acadêmica de temática *queer*, busco utilizar linguagem não binária através de estranhamentos linguísticos para tratar de coletividades e/ou sujeitos não binários. Existem vários tipos de formatos para uma linguagem não binária — afinal, a subversão dentro das dimensões do poder (Butler, 2004/2017) não pretende replicar a mesma lógica da estrutura opressora que se impõe como regra —, então explico os três principais recursos aos quais recorro pontualmente neste texto: 1) sempre que possível, utilizo palavras que em si não contenham marcação de gênero que se refira às pessoas, como “público”; 2) contra a marcação de gênero feminino e masculino presente no sistema [a/o], adapto as palavras para a vogal neutra [e], como em “interessades”, “alunes”; 3) quando o uso de [e] não é possível, pois se integra à definição no masculino, como em “autores”, subtraio a vogal e provooco um estranhamento com a caixa alta, para que se deixe evidente a intervenção e não se leia como erro de digitação, como em “editoRs” e “tradutoRs”.

ⁱⁱ Utilizo uma sigla que se reconhece como convenção para o campo (Barboza et al., 2018), porém atualizada, consciente de que as atuais perspectivas nos Estudos Feministas da Tradução se voltam para diversas vertentes.

ⁱⁱⁱ Longe de querer homogeneizar realidades em uma visão reducionista do mundo que parte de polaridades como “Sul/Norte” e “Oriente/Ocidente”, recorro a essa terminologia por ser aquela tomada pelos Estudos Feministas como eixos de discussão sobre as assimetrias nos fluxos epistêmicos. Para não a naturalizar, demonstrando que a uso com ressalvas, nomeio-a entre aspas.

^{iv} Uma vez que a utilização exclusiva de sobrenomes apaga o gênero dos nomes — o que pode conduzir à sua leitura no masculino universalizante, por conta do “Princípio do Macho-Como-Norma” estudado por Friederike Braun (1997) e confirmado por Olga Castro (2010), através do qual somos induzidos a ler as palavras no masculino, exceto quando marcadas no feminino — e a repetição constante dos nomes completos torna exaustiva a leitura do texto, faço referências pelos primeiros nomes, ainda que isso se oponha à norma ABNT. Como a própria área dos estudos *queer* se faz como questionamento às normalizações, tratar desse tema chama uma intervenção à forma como isso é feito. Porém, ressalto o fato de não ser esse o procedimento tomado pelo livro como um todo (exceto por Francesca Vigo, Antonia Montés e Irene Ranzato), uma vez que as referências bibliográficas omitem os primeiros nomes das autorias, um aspecto negativo de seu formato.

^v As pautas feministas, como comentei anteriormente neste texto, são muito mais do que gênero — como mostra a perspectiva interseccional —, porém, o destaque dado peLs editoRs é sobre gênero e sexualidade, uma visão parcial que apresento aqui como é feita por cada uma envolvida no livro. Exemplo de quem tem uma abrangência maior, como se verá, é o estudo de Michela Baldo.